

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E MIGRAÇÃO MÉXICO-ESTADOS UNIDOS:
O CASO DO MOVIMENTO *JUSTICE FOR JANITORS*.

Joyce ANSELMO¹

RESUMO: tendo como foco central analisar a maneira como o movimento social *Justice for Janitors*, campanha de Los Angeles, organizada pelo *Service Employees International Union* (SEIU), vêm respondendo às emergentes necessidades dos trabalhadores migrantes, sobretudo mexicanos em situação irregular, busca-se compreender a reestruturação produtiva no setor da zeladoria/faxina concomitantemente à inserção de trabalhadores latinos em finais da década de 1970 e início dos anos 80 do mesmo século. Para tanto, busca-se entender esse fenômeno à luz da dinâmica migratória histórica entre esses dois países recorrendo a literaturas específicas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Reestruturação produtiva. Migração internacional. Movimento social.

Uma vez que se tem o intuito de investigar temas que trespassam a temática das migrações internacionais, tal como a inserção desses migrantes em formas de trabalho cada vez mais degradantes mostra-se essencial a realização de uma discussão acerca dos referenciais teóricos que abordam a questão temática da migração. É importante notar, que cada diferente explicação que visa desempenhar algum papel na abordagem dos processos de migração têm um peso específico dependendo da região do mundo, das circunstâncias históricas, políticas e sociais que serão investigadas.

Como observa o sociólogo norte-americano Douglas Massey e o antropólogo mexicano Jorge Durand (2003), uma explicação satisfatória sobre a temática da migração internacional tem que conter, ao menos, quatro elementos: a) um tratamento das forças estruturais que promovem a migração; b) uma caracterização das forças estruturais que atraem migrantes; c) levar em consideração as motivações, objetivos e aspirações de quem responde a essas forças estruturais; e, d) considerar as estruturas sociais, econômicas e culturais que surgem para conectar as áreas de origem e destino da migração. (DURAND; MASSEY, 2003)

Para fazer menção ao tema proposto recorrer-se-á às considerações de Durand e Massey (2003), e da maneira como esses atores vêm abordando, sobretudo, a importância das seguintes linhas teóricas: a **teoria dos sistemas mundiais** e a **teoria do capital social**. De acordo com Soares (2002), a teoria dos sistemas mundiais faz ressalva à necessidade de tratar

¹ Bolsista Capes. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – joyceanselmo@gmail.com

a questão da migração internacional contemporânea como fazendo parte de um sistema mais amplo, que vem a articular os países de origem e de destino dos fluxos. No entanto, os teóricos dos sistemas mundiais viriam a afirmar que a migração internacional surge como resposta às rupturas e deslocamentos que inevitavelmente ocorrem no processo de desenvolvimento do capitalismo.

Como expoente dessa abordagem teórica, podemos citar Saskia Sassen, para quem a reorganização da econômica mundial vem a contribuir para a constituição de um espaço transnacional, no qual circulam, não apenas trabalhadores, mas, sobretudo, capital, mercadorias, serviços e informação (SOARES, 2002, p.8). Para explicar a maneira como se geram os fluxos migratórios, sobretudo ao exterior, os teóricos dessa corrente têm analisado como se exerce a influência dos mercados globais sobre a terra, as matérias-primas e a força de trabalho no interior das regiões periféricas. Para Durand e Massey (2003), com o fim de enviar mercadorias, entregar maquinaria, extrair e exportar matérias primas, coordenar operações mercantis e administrar plantas de montagens, o investimento de capital estrangeiro, que conduz a globalização econômica, vem a construir e expandir meios de transporte e comunicação com os países periféricos aos quais se tem investido capital. Esses meios não viriam apenas a facilitar o trânsito de mercadorias, produtos, informação e capital, como também promovem o movimento de populações, em um verdadeiro circuito migratório. No entanto, a teoria dos sistemas mundiais visa tratar o movimento migratório internacional dando às suas resultantes um caráter mais amplo e estrutural, pois prevalece o argumento de que a mobilidade da força de trabalho é regulada pela lógica de acumulação do capital.

Para Sassen (2007), podem-se detectar três tendências principais para a articulação dos movimentos migratórios internacionais com as condições fundamentais da globalização atual, sendo essas:

- a) La geoeconomía de los movimientos migratorios internacionales, que explica la presencia de patrones en común a través de diversos movimientos y ofrece un contexto fundamental para comprender la dinámica que hace de una condición generalizada de pobreza, desempleo o subempleo un factor de expulsión; b) la conformación actual de mecanismos que vinculan a los países de origen con los países receptores, en especial los efectos de las diversas formas de globalización económica; y c) la exportación organizada de mano de obra, sea legal o ilegal (SASSEN, 2007, p.172).

De acordo com a autora, seriam vários os fatores que podem transformar a pobreza e o desemprego generalizado em um fator de expulsão dando-se que, no início, a maioria dos

movimentos migratórios começam mediante a contratação direta de mão de obra por parte de empresas, governos ou traficantes. Uma vez que existe uma comunidade de migrantes em uma cidade determinada, o funcionamento da rede de imigrantes começa a substituir a contratação por meio da imigração em série. O que vem a chamar de **pontes de contato** seriam as diversas condições econômicas que contribuiriam para a formação de vínculos migratórios entre os países de origem e os países de destino, podendo-se agrupar da seguinte maneira: a) pelos laços gerados pela globalização econômica; b) pelos laços que surgem da contratação de trabalhadores estrangeiros; e, c) pela exportação organizada legal ou ilegal de mão de obra (SASSEN, 2007).

Não de inferior importância para a abordagem da temática proposta vêm sendo recorrer à **teoria do capital social**. Ao citar o pensador francês Pierre Bourdieu, Durand e Massey ressaltam que o capital social é a soma de recursos reais e virtuais que correspondem a um indivíduo ou grupo em virtude de seu pertencimento em uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizada de conhecimento e reconhecimento mútuo (DURAND; MASSEY, 2003). Apontam como característica fundamental do capital social sua convertibilidade, podendo-se:

[...] traducirse en otras formas de capital, principalmente financiero – éste sería el caso de los ingresos en el extranjero y las remesas que generan (Harker, Mahar y Wilkes, 1990) la gente accede al capital social por su vinculación con redes e instituciones sociales que luego se convierten en otras formas de capital para mejorar o mantener su posición en la sociedad (Bourdieu, 1986; Coleman, 1990). Aunque Alejandro Portes y Julia Sensenbrenner (1993) señalen que el capital social puede tener consecuencias tanto negativas como positivas para el individuo, los teóricos suelen enfatizar el papel positivo que desempeña en la adquisición y acumulación de otras formas de capital (véase Coleman, 1988, 1990) (DURAND; MASSEY, 2003, p.31).

Entendendo as redes migratórias como formas de capital social, essa abordagem teórica vem a considerar as redes migratórias como um conjunto de laços interpessoais que conectam os migrantes com os migrantes que os antecederam e com não migrantes nas zonas de origem e de destino. Seriam, as conexões dentro da rede, uma forma de capital social do qual as pessoas podem beneficiar-se para terem acesso a diversas formas de capital financeiro, entre elas, emprego no exterior, pagamento de coitotes, salários mais altos, a possibilidade de fazer poupanças e enviar remessas (DURAND; MASSEY, 2003). Considerando que o capital social é criado uma vez que as relações entre as pessoas mudam facilitando a ação, identificam a migração internacional como um catalisador dessa mudança na natureza das

relações sociais. Cada evento migratório cria capital social entre as pessoas com as quais o novo emigrante se relaciona, potencializando assim as possibilidades da migração. As redes fariam da migração internacional algo atrativo como estratégia de diversificação dos riscos e maximização de utilidades.

Uma vez que se leva em consideração a importância dessa abordagem teórica e consideram-se as redes migratórias de importância imprescindível para que os indivíduos optem por migrar ou não, dado o fenômeno possuir uma dimensão coletiva, tem que observar o comportamento das redes em cada caso e em cada contexto específico. Para o caso estudado, compartilhamos do pressuposto de Cranford (2005) para quem uma questão tem que ser levantada; a de quem se beneficia das redes sociais de imigrantes, como os migrantes se beneficiam, em que contextos econômicos e políticos se acumulam?

É importante enfatizar que,

A análise da dinâmica migratória, consoante com a perspectiva fornecida pelas redes sociais, põe à mostra que, em vez de uma série de transformações individuais na direção de uma cultura dominante no destino, os migrantes negociam novas relações/categorias dentro e por meio das redes: as trajetórias de mudança variam muito, de corrente para corrente migratória, porque a mudança se traduz numa dimensão coletiva e não apenas individual (SOARES, 2002, p.10).

Nota-se, no entanto, o papel preponderante que essa duas abordagens teóricas vêm a desempenhar nas investigações acerca da migração internacional, uma vez que abordam questões imprescindíveis para uma compreensão plausível do tema tais como: a importância das relações de parentesco, de amizade, trabalho e origem para a decisão de emigrar ou não e a compreensão do fenômeno migratório internacional em um contexto de reestruturação do capitalismo global.

Etapas históricas do processo migratório México - Estados Unidos

Dada as particularidades do fenômeno migratório entre México e Estados Unidos, cabe, no entanto, uma digressão histórica desse processo, ancorado nos dados do Proyecto Migración Mexicana² (MMP). De acordo com Massey e Durand (2003), o processo

² O Proyecto Migración Mexicana foi criado no ano de 1982 com uma equipe interdisciplinas de pesquisadores mexicanos e norte americanos. Os estudos se encontram sob a direção do antropólogo da Universidade de Guadalajara, Jorge Durand, e do sociólogo norte americano Douglas Massey, da Universidade de Princeton nos Estados Unidos.

migratório entre os dois países é um fenômeno de tradição centenária, que abrange milhares de pessoas e materializa-se em países vizinhos. Três características distinguiriam, de acordo com estes, a migração de origem mexicana de outras que se dirigem aos Estados Unidos, sendo elas: a historicidade, o fato de ser um fenômeno massivo e de ocorrer entre dois países que dispõem de uma ampla fronteira em comum. De acordo com dados apresentados, as origens se remontam ao Tratado de Guadalupe Hidalgo³, com o qual terminou oficialmente a guerra entre os dois países no ano de 1848, fronteira esta que foi redefinida em 1853, com a compra da parte sul do que hoje é conhecido como Arizona e Novo México.

No entanto, cabe notar que: “[...] la frontera México-Estados Unidos no ha existido siempre como una realidad práctica. Por el contrario, se fue definiendo poco a poco pero de manera firme a través de un proceso de *construcción social*.” (DURAND; MASSEY, 2009, p.33).

Para os autores, pode-se advertir o início de um fenômeno migratório de massa entre os dois países a partir do começo do século XX, quando as fronteiras já estavam definidas. Distinguem cinco fases de emigração mexicana ao país vizinho, tendo cada uma delas uma duração de aproximadamente 20 anos. A primeira fase é denominada como a fase *del enganche* (1990-1920), caracterizando-se pela combinação de três forças que teriam desenvolvido o processo: a) o sistema de contratação de mão de obra privada e semiforçada, conhecido como *el enganche*; b) a Revolução Mexicana é a seqüela de milhares de refugiados; c) o ingresso dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, que veio a limitar a entrada de novos imigrantes europeus e demandou mão de obra barata (DURAND; MASSEY, 2003).

A segunda fase é denominada por Massey e Durand como a **fase de deportações** (1921-1941), que se caracterizou por ciclos de retorno massivo e deportações cotidianas levadas a cabo pela recém-formada Patrulha Fronteiriça (1924). As deportações foram justificadas com o argumento da crise econômica do início da década de 1920 e perdurou até finais da década de 1930. No entanto, a necessidade de mão de obra barata com a inserção dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial deu início a uma nova fase de recrutamento de trabalhadores. Deu-se início ao período *bracero* (1942-1964). Esta época se caracterizou por um novo tipo de migrante, foram contratados somente homens, com contratos temporais, eram, portanto, migrantes de ida e volta (DURAND; MASSEY, 2003).

³ O Tratado Guadalupe Hidalgo estabelecia o Rio Bravo como linha fronteiriça entre o México e o Texas, além da entrega dos territórios da Califórnia, Arizona, Novo México, Nevada e Utah por uma quantia de 18.3 milhões de dólares.

Quando se deram por terminados os contratos *braceros*, deu-se início a uma nova e quarta fase das etapas migratórias, a ser, a fase de **indocumentados** (1965-1986). O governo norte americano optou por controlar o fluxo migratório com três tipos de medidas complementares: “[...] la legalización de un sector de la población trabajadora, bajo el sistema de cuotas por país; la institucionalización de la frontera para dificultar el paso y limitar el libre tránsito, y la deportación sistemática de los trabajadores migrantes que no tuvieran sus documentos en regla” (DURAND; MASSEY, 2003, p.48).

Como quinta e última fase definem a posta em prática pelo *Immigration Reform and Control Act* (IRCA)⁴, denominada por Massey e Durand como a etapa de legalização e de migração clandestina (1987 até o presente). O processo de anistia bastante amplo (LAW) e o programa de trabalhadores agrícolas especiais (SAW), que em conjunto permitiu a legalização de milhares de mexicanos indocumentados gerando, em contrapartida, um processo paralelo de migração clandestina daqueles que não conseguiram se beneficiar com a anistia, mas tinham que se sujeitar aos novos padrões legais que exigiam algum tipo de documentação. Como observam não se tratava mais de migrantes indocumentados como na fase anterior.

Observa-se, de acordo com a exposição dos autores, que as fases apresentadas mostram um movimento pendular, ora de abertura da fronteira e contratação de trabalhadores, outra de fechamento das mesmas, com forte controle fronteiriço e deportações em massa. Não podemos deixar de notar, no entanto, que:

El movimiento pendular, la duración y el ritmo de éste, lo ha marcado siempre la política migratoria estadounidense, que de manera unilateral abre o cierra la puerta, de acordó con el contexto internacional (guerras), el momento económico (auge o crisis), el ambiente político nacional (presiones de grupos, lobby, elecciones y xenofobia) y los requerimientos de mano de obra en el mercado de trabajo secundario (DURAND; MASSEY, 2003, p.48).

Nota-se que entre os dois países, as políticas migratórias vêm sendo redefinidas quando o fenômeno social chega a situações limites desde o ponto de vista norte-americano. Portanto, a intervenção de atores sociais com interesses divergentes, a dinâmica em constante mutação da micro de da macroeconomia, num contexto de migração consolidada, mas com

⁴ De acordo com Sassen (2003), o clamor acerca do aumento da imigração ilegal no país levou a uma série de propostas para o Congresso que culminou com a *Immigration Reform And Contral Act* (IRCA). “Esta lei tentou racionalizar a política migratória e, em particular, registrar o problema da imigração ilegal. Consiste em um programa de regularização limitada que possibilita a estrangeiros indocumentados legalizar sua situação se puderem provar uma residência fixa nos Estados Unidos anterior a 1º de Janeiro de 1982, entre outros critérios de elegibilidade.” (SASSEN, 2003, p.65, tradução nossa).

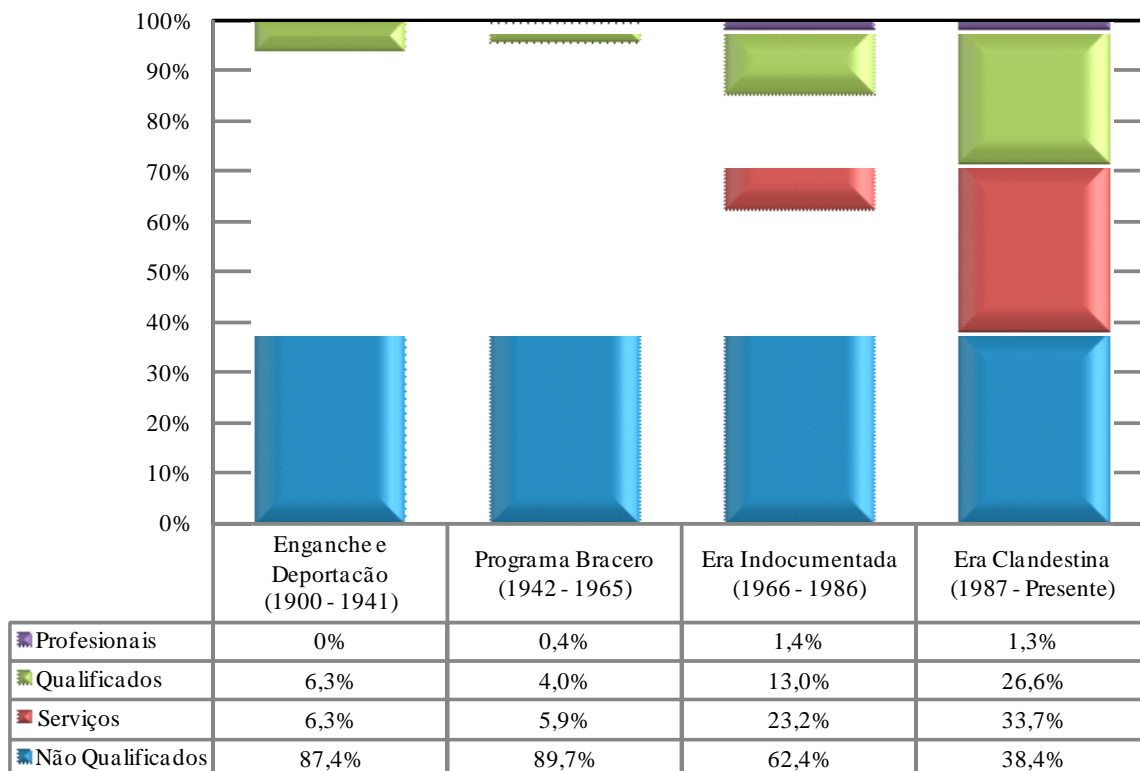
redes necessárias e consistentes com o México, tem dado lugar a dinâmicas migratórias imprevisíveis. Mostra-se, com o passar dos anos, a impossibilidade de deter a migração entre os dois países com controles fronteiriços, uma vez que se verificam relações sociais estabelecidas por gerações entre os dois países.

Para Massey e Durand (2003), existe uma relação de caráter histórico estrutural entre ambos os países que se materializa em um mercado de trabalho binacional, cabendo aos migrantes mexicanos o papel de operar como mero exercito industrial de reserva do capitalismo norte americano. Enquanto os migrantes europeus chegaram aos Estados Unidos para povoar, os mexicanos chegaram para trabalhar em um mercado de trabalho secundário, sazonal e flexível, que se pode ampliar ou diminuir de acordo com as necessidades e não repercute no índice nacional de desemprego. Observam que a migração mexicana é fundamentalmente de origem popular, campesina e proletária, contribuindo para que a mais de um século, os empregadores olhem para o sul da fronteira em busca de trabalhadores jovens, baratos e capazes de desempenhar trabalhos pesados.

Como nota-se no gráfico abaixo (Gráfico I) apresentado pelos pesquisadores do MMP, desde as primeiras etapas do fluxo migratório, até os dias de hoje, os migrantes mexicanos nos Estados Unidos vêm ocupando postos de trabalho se, não desqualificados, em áreas mal remuneradas do setor de serviços. De acordo com os dados apresentados, no período entre 1900-1965, os trabalhadores migrantes ocupavam, sobretudo, os postos em trabalhos não qualificados, que tem como característica primordial o fato de ser um trabalho não sindicalizado, cabendo o trabalho sindicalizado ao trabalhador norte-americano, homem e branco. Já, nos finais da década de 1960 e início da década de 1970 notamos uma porcentagem maior de trabalhadores migrantes indocumentados no setor de serviços. Nota-se, no entanto, que a inserção desses trabalhadores no setor de serviços coincide com a crise do modelo de acumulação vigente até finais da década de 1970 e a ascensão do que viera a ser denominado pela literatura como regime de acumulação flexível⁵. De acordo com o gráfico abaixo, a inserção de trabalhadores mexicanos no setor de serviços mostra-se crescente.

⁵ Como ressalta Harvey (2006), o regime de acumulação que veio a surgir do problemático panorama de crise do fordismo/keynesianismo foi denominado “acumulação flexível” uma vez que caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnologia e organizacional. Está, portanto, permeado por concepções flexíveis a respeito dos processos relacionados com o mundo do trabalho, assim como à esfera produtiva como um todo e seus respectivos padrões de consumo.

Gráfico 1- Ocupação na primeira viagem aos Estados Unidos de acordo com a etapa migratória.



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Proyecto Migración Mexicana. MMP128 (2011).

O aumento de trabalhadores migrantes, sobretudo em situação irregular, nesse setor da economia, que da etapa **indocumentada** para a **clandestina** passa de 23,2% para o montante de 33,7%, deve-se, sobretudo, aos rearranjos que vieram a ocorrer no interior dos sindicatos e a reorganização do trabalho que, conforme Harvey (2006), estão profundamente modificados em relação aos padrões seguidos nos anos 60 e 70. Para a compreensão da reestruturação produtiva no setor da zeladoria e a inserção dos trabalhadores migrantes latinos no setor, no caso, os mexicanos, cabe fazer menção as tendências que se impõem ao estudo da organização sindical contemporânea nos Estados Unidos, sendo elas: a mundialização da economia e do comércio; a reestruturação produtiva e os deslocamentos de produções com a formação de novos nichos produtivos; as mudanças no perfil do trabalho; e, por fim, as iniciativas de auto-organização dos trabalhadores, sobretudo daqueles alocados em economias informais de trabalho.

Sindicatos e reestruturação produtiva: a emergência de novas formas de organização

Intenta-se, agora, traçar algumas das características mais gerais do sindicato no fordismo/keynesianismo, para por fim traçar um panorama das questões emergentes. Têm-se como referência as questões levantadas por Stein (2008) acerca das características mais gerais acerca do sindicato neste mesmo período. Observa a autora a maneira como o ciclo de expansão capitalista no pós-Guerra (1945-1973) articulava-se a um determinado tipo de intervenção do Estado e determinado tipo de organização do trabalho. Deste modo:

[...] a produção se sustentava num esforço para obter uma demanda crescente e de longo prazo desde que a produção se destinava para o consumo padronizado em massa, em que se incluía a própria e crescente massa de trabalhadores assalariados. Para tanto, os governos buscavam fornecer “salários sociais” com gasto em assistência social e médica, educação, habitação, e outros (STEIN, 2008, p.57).

Neste período observa como a preocupação do sindicato mantinha-se pautada na busca para a conquista de ganhos salariais oriundos da produtividade e para a garantia do pleno emprego do trabalho. Ainda de acordo com a autora, nos Estados Unidos, o sindicato, neste período, tem como função negociar coletivamente com o empregador os contratos de trabalho, formalizados, por sua vez, em contratos escritos. Nota, a maneira como a Lei Wagner (1935) veio a consagrar o direito à livre representação sindical do trabalho, tornando obrigatório o cumprimento pelo empresariado da prerrogativa exclusiva do sindicato na negociação das condições gerais do contrato de trabalho. Enfatiza-se, por esta via, a ênfase na defesa intransigente do associativismo do trabalhador.

Pensar o modelo de sindicato norte-americano no pós-Guerra, requer fazer menção a algumas de suas principais características, já que elas passam a compor sua cultura e sua tradição. Estão enumeradas abaixo algumas das características que, de acordo com Stein (2008), marcam a passagem do modelo de sindicato de negócios – *union business* – com o papel de agenciador de empregos, para o modelo de sindicato industrial onde não mais se postulava apenas a mera defesa do emprego, mas sim a defesa da valorização do emprego; desta forma:

1. Os trabalhadores passam a se organizar por empresas ou por grandes setores de atividades e não mais por profissão;
2. O sindicato deixa de ser prerrogativa do cidadão norte-americano branco e profissionalizado, estendendo-se para o migrante pobre e estrangeiro e, também, para o negro natural do país;

3. A formalização dos contratos de trabalho acordados entre patrões e empregados passam a depender da votação do Legislativo e de leis específicas em assembleias sindicais, tornando-se assunto de cumprimento obrigatório, cabendo a Junta Nacional de Relações de Trabalho (NLRB) dirimir dúvidas e solucionar conflitos. Caso não resolvidos passariam os conflitos para a alçada da Suprema Corte.

As leis de trabalho promulgadas neste período vieram a proibir o que vem a ser chamado de **práticas desleais de trabalho** (as ações empresariais que visavam intimidar, fraudar e impedir a prática de representação sindical); nota-se a extensão das campanhas de sindicalização para o interior da grande indústria, rompendo-se com o modelo de sindicato até aquele período vigente. Várias outras questões poderiam ser levantadas, mas cabe aqui, no entanto, uma explanação mais superficial sobre o período. Buscamos, portanto, compreender a crise que veio a assolar este modelo sindical, uma vez que o sindicato que compunha o leque de alianças políticas com Estado e empresariado na negociação de contratos de trabalho coletivos e legais, encontra-se hoje pressionado pela crise que desestabilizou o *welfare state* e pelas condições atuais da produção e do trabalho.

Conforme enunciado anteriormente o ponto culminante das transformações teria seu cerne nas altas ondas inflacionárias que vieram a desestabilizar a economia mundial nos anos de 1970. Para Harvey (2006) uma série de acontecimentos vieram a acarretar a crise do processo de acumulação vigente até aquele o momento, bem como da estrutura do sindicato predominante durante o fordismo; demarca o período que vai de 1965 a 1973 como sendo aquele o em que se torna evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo em conter as contradições inerentes ao capitalismo. Em 1966, a queda da produtividade e da lucratividade corporativa teria acompanhado o começo de um grave problema fiscal nos Estados Unidos, problema este que seria sanado apenas à custa da aceleração da inflação, que viera a solapar o papel do dólar como moeda-reserva internacional estável.

Observa Harvey (2006) que o regime de acumulação oriundo deste panorama problemático é justamente o regime de acumulação flexível, autodenominado assim por ser um modelo antagônico à principal característica do regime fordista, ou seja, à rigidez, estando permeado por concepções flexíveis a respeito dos processos relacionados com o mundo do trabalho, assim como à esfera produtiva como um todo e seus respectivos padrões de consumo. O trabalho organizado teria: “[...] sido solapado pela reconstrução de focos de

acumulação flexível em regiões que careciam de tradições industriais anteriores e pela reimportação para os centros mais antigos das normas e práticas regressivas estabelecidas nestas novas áreas [...]” (HARVEY, 2006, p.141).

Neste novo contexto observa-se uma redução do emprego regular em detrimento de contratações em regime de tempo parcial, de temporários, de subcontratações e de terceirizações, consequência esta da vantagem crescente do empresariado diante do quadro de desemprego, via mudanças tecnológicas e do enfraquecimento do poder sindical. Os padrões de consumo passam a ser constantemente revolucionados, a inovação geral do produto passa a contar com a possibilidade de que pequenos empreendimentos o realizem, dado o surto social de empreendedorismo observado por Harvey, com os trabalhadores desempregados e outros almejando se transformar em pequeno burguês.

Torna-se necessária a enunciação dessas mudanças uma vez que são de suma importância para a compreensão das mudanças ocorridas no interior dos sindicatos com modificações ainda em processo. As mudanças atuais nas táticas e estratégias do movimento sindical se pautaram pela adoção de táticas não tradicionais ao sindicato americano e que privilegiam o engajamento das próprias bases sindicais no desenvolvimento do movimento e, também, o engajamento do próprio trabalhador subterrâneo, mediante uma intensa mobilização dos associados sindicais com a implementação de um crescente processo de democratização – *rank and file* – da atuação sindical (STEIN, 2008). Os sócios passam a ser integrados aos processos decisórios e as ações, o processo de decisão dos sindicatos passa a contar com extrema participação dos associados.

Se no ano de 1937, ainda de acordo com Stein (2008) a fusão da *American Federation of Labor* – AFL – com a *Congress for Industrial Organization* - CIO – teria como resultante a construção do “sindicato industrial” organizado por empresa ou por setor e não mais por profissão, no quadro atual, como observa a autora:

[...] os sindicatos filiados às centrais sindicais AFL-CIO e *TEAMSTER For Democratic Union* desenvolvem, atualmente, já uma longa batalha pelo reconhecimento do trabalho e do direito ao contrato formal para os migrantes pobres latinos, asiáticos, entre outros que não considerados *white* pela sociedade norte-americana. (STEIN, 2008, p.67).

Diante da crescente queda da taxa de sindicalizados, da desindustrialização, da globalização da economia e da volatilidade dos capitais, a palavra de ordem do sindicato passa a ser **reforma**. A AFL-CIO opta, diante do novo contexto, pelo caminho do sindicato combativo e militante, passa a se somar à representação do trabalhador branco e do emprego

regular à representação do migrante, pobre e não coberto pelas leis trabalhistas, dado na maior parte das vezes estarem em condições ilegais. Fato emblemático para esta mudança vem a ser no ano de 1995 a eleição para a nova diretoria da AFL-CIO; a presidência passa a ser ocupada por John Sweeney, tendo este liderança expressiva na *Service Employees Union – SEIU* (2011)¹ –, sendo a vice-presidência ocupada pela primeira vez na história por uma mulher e de origem latina, Linda Chavez Thompson.

Esse panorama traçado mostra-se essencial uma vez que objetiva-se o estudo da emergência de novos movimentos sociais, particularmente, a campanha por direitos para os faxineiros de Los Angeles dirigida pela ONG *Justice for Janitors*. De acordo com história recente, o movimento inicia-se nos anos de 1980 a partir da ação de um grupo de ativistas sindicais da agência local da SEIU em Los Angeles; como observa Stein:

[...] iniciaria um trabalho de formação e de conscientização de direitos de cidadania junto a faxineiros que trabalhavam para empresa de serviços terceirizados de limpeza e de edifícios. Lutar pela conquista do direito a contrato formal de trabalho implicava a realização de ações exemplares para a publicização dos procedimentos dos contratos subterrâneo. (STEIN, 2008, p.68)

Atualmente, o movimento expressa-se numa extensa campanha nacional a favor da justiça no trabalho e para os trabalhadores de faxina/zeladoria, tendo, muitas vezes contra si, o fato de serem indivíduos sem contrato de migração. No entanto, cabe-nos fazer menção ao processo de reestruturação no setor, sobretudo a partir da análise da socióloga norte-americana Cranford (2000; 2005).

Reestruturação produtiva no setor da zeladoria: trabalhadores latinos e o movimento social *Justice for Janitors*

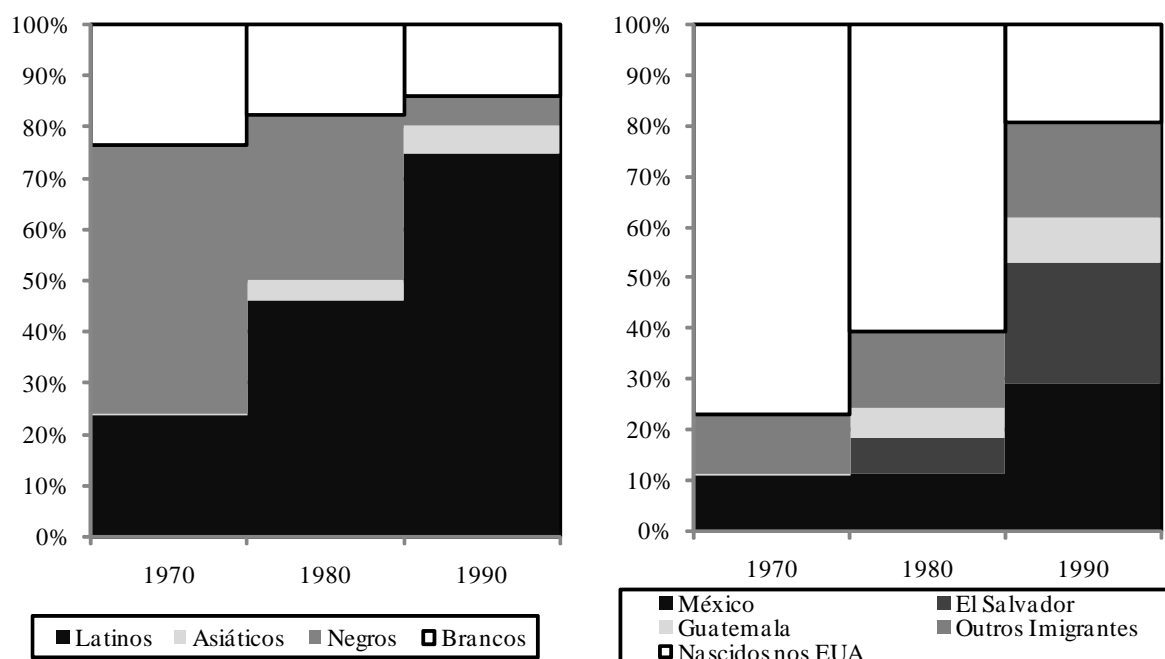
De acordo com Cranford (2000; 2005), a reestruturação produtiva na indústria da zeladoria/faxina veio a ocorrer de maneira concomitante à inserção de trabalhadores latinos indocumentados no setor. Iniciando-se a partir da década de 1980, a contratação de faxineiros que anteriormente eram feitas diretamente pelos proprietários dos edifícios, que controlavam a contratação, a demissão e as relações de trabalho, fora substituída pela subcontratação através de empresas terceirizadas, com um caráter profundamente flexível. Observa a autora que, de acordo com dados da *Service Employees Union* (SEIU, 2011), essas medidas vieram a

resultar em um corte de 42% nos custos da limpeza entre os anos de 1970 e 1993. Optava-se, sobretudo, por trabalhadores não-sindicalizados, que representavam, no ano de 1987, 83% dos empregados no setor (SEIU, 2011).

Acerca do recrutamento de trabalhadores, alerta a autora que: “The non-union cleaning contractors cut costs by lowering wages and increasing the workload. These contractors hired recently arrived, primarily undocumented, Latina/o migrants to do the downgraded cleaning work, rather than the African Americans previously doing this work” (CRANFORD, 2000, p.7).

Enfatiza, no entanto, a incessante substituição de trabalhadores afro-americanos, que antes se encarregavam deste trabalho, por homens e mulheres latinos em situação irregular. No pré e pós-Segunda Guerra Mundial, a força de trabalho na faxina era principalmente composta por trabalhadores afro-americanos, muitos dos quais eram migrantes dos estados do sul. A porcentagem desses trabalhadores começa a declinar nos anos de 1970 e continuou a declinar com a des-sindicalização do setor na década de 1980. Os trabalhadores latinos, que na década de 1970 correspondiam a pouco mais de 20% do total de trabalhadores no setor, na década de 1970 passa a contar com mais de 70% do total de mão de obra, de acordo com dados extraídos pela autora (CRANFORD, 2000). Trás à tona a crescente porcentagem de trabalhadores provenientes, sobretudo, do México, El Salvador e Guatemala, como mostra o gráfico abaixo (Gráfico II). Para esta, nota-se, no processo de reestruturação uma racialização do trabalho com a inserção de latinos e latinas em ditos *downgraded jobs*. No entanto, ressalta o fato de a raça não mais ter aparecido como uma diferença biológica na **era pós-direitos civis**, mas através de um discurso que se baseava nas categorias **culturas diferentes versus culturas dominantes**.

Gráfico 2 – Mudança na porcentagem de trabalhadores por raça e nacionalidade.



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados extraídos de Cranford (2000).

O recrutamento inicial de trabalhadores latinos em situação irregular teria permitido que os empregadores ganhassem acesso às redes de migração e de emprego que estavam germinando nos finais dos anos de 1980. A escolha por esses trabalhadores se deu pelo fato de serem controlados com mais eficácia, dada sua situação irregular. As redes de contratação ter-se-iam tornado estruturas sociais construídas através das interações nos espaços latinos da cidade de Los Angeles, tornando-se um mecanismo de reestruturação. Argumenta, no entanto, o fato de as redes sociais não terem efeitos positivos para todos os trabalhadores. Para Cranford (2005) a indústria da zeladoria/faxina, em Los Angeles, vem demonstrando a importância das redes sociais nas estratégias patronais de reestruturação. Uma vez que se tem como intuito a análise da inserção dos trabalhadores/trabalhadoras latinos no setor, não podemos omitir a seguinte questão: quem se beneficia das redes sociais de imigrantes, em que grau e em que contexto?

É importante observar que as teorias que enfatizam a contribuição das redes sociais para os fluxos migratórios são imprescindíveis, uma vez que, tanto os laços fortes (com família e amigos), como os laços fracos (conhecidos e amigos de amigos), são de suma importância quando se opta por emigrar ou não. Esses laços mostram-se sumamente

indispensáveis durante o processo migratório e na busca por emprego, porém, não se torna sinônimo de não-exploração.

De acordo com Cranford (2005):

Immigration policy combined with labor policy to make undocumented workers the preferred choice for employers in the janitorial industry. In response to the Immigration Reform and Control Act, building owners in the cleaning industry turned to subcontracting and network recruitment through immigrant intermediaries (Loucky et al. 1989). As building owners contracted out cleaning work, their legal responsibility as employers disappeared (CRANFORD, 2005, p.385).

A partir de sua argumentação mostra a maneira como as redes sociais, aliadas a política de migração e a política de trabalho fez dos trabalhadores migrantes ilegais os preferidos pelos proprietários das empresas de faxina. No entanto, o recrutamento através de redes sociais foi indissociavelmente ligado à construção de estratégias dos proprietários para recuperar o controle do trabalho ao mesmo tempo em que continua a evitar a responsabilidade do empregador. Os proprietários de imóveis optaram pela contratação de empresas não-sindicalizadas em conexão com trabalhadores não documentados latinos (CRANFORD, 2005).

É nesse contexto que emerge o movimento social *Justice for Janitors*. Inaugurando sua sede na cidade de Los Angeles em finais de década de 1980, o movimento social organizou-se, de acordo com a autora, dentro de um familismo modificado que considera a experiência dos migrantes dentro de um quadro amplo de direito dos mesmos. Organizou-se a campanha a partir de um processo pedagógico de formação de seus membros, no contexto de um novo sentimento anti-imigrante que se inaugurou na Califórnia a partir da década de 1990, no qual políticos e grupos de comunidade constituíram o migrante como aquele que iria se beneficiar dos benefícios do regime de bem-estar norte americano. Aponta Cranford (2000) para o sucesso do processo de sindicalização efetuado pelo *Justice for Janitors*, uma vez que, em 1987, havia apenas 1800 zeladores/faxineiros sindicalizados, e no ano de 1995, 81% dos mesmos, ou seja, 8.225 trabalhadores encontravam-se sindicalizados (CRANFORD, 2000). Nota a maneira como a sindicalização veio com a aquisição de direitos a cuidados de saúde bem como com o aumento lento, mas constante, nos salários.

Dentro das práticas de organização dos trabalhadores, aborda a maneira como os comitês são organizados tendo como base a filosofia de aprendizagem influenciada tanto pela educação popular como por princípios feministas (dada a inserção cada vez maior de mulheres no setor). Entre os principais objetivos da educação popular estaria o apontamento

das relações de poder existentes na indústria, localizar nos trabalhadores experiências dentro deles e criar estratégias para a mudança de sua posição na economia política local. Homens e mulheres passam a se ver como atores econômicos e políticos.

Dados os mais de 20 anos de início da organização de sua sede na cidade de Los Angeles, uma análise acerca do *Justice for Janitors*, sua história e suas conquistas em prol do migrante, vêm se mostrando atual, uma vez que o sentimento anti-imigrante está cada vez mais latente na sociedade norte americana. Buscamos, no interior de um cenário em que as políticas migratórias geram um discurso xenófobo cada vez mais amplo, analisar a maneira como vêm sendo debatidas as questões em prol do migrante e da necessidade de uma reforma migratória uma vez que

[...] Justice for Janitors is active in the political process as part of a concerted effort to, in the words of the local's President, "turn around this anti-immigrant climate." In striking contrast to earlier positions on immigration, organized labor is now calling for a new amnesty for undocumented workers. In addition, they seek support in their campaigns from politicians (CRANFORD, 2000, p.27).

Conclusão

Buscou-se, a partir dessa discussão, traçar um panorama mais geral acerca da reestruturação produtiva no setor da zeladoria/faxina dentro de um contexto mais amplo – de rearranjo na estrutura do capitalismo a partir de finais da década de 1970. Tal como observa Harvey (2006), o regime de acumulação flexível, que surgira deste cenário, caracterizou-se pelo surgimento de novos setores de produção, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, de taxas diversificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional; permeado por concepções mais flexíveis a respeito dos processos relacionados com o mundo do trabalho tendo como consequência mudanças significativas no interior das formas de organização dos trabalhadores.

Para a compreensão deste cenário, à luz das mudanças emergentes, mostra-se necessária a discussão acerca dos referenciais teóricos que abordam a temática das migrações internacionais – no caso do estudo proposto recorreremos aos pressupostos da **teoria dos sistemas mundiais**, que vem a considerar a migração dentro de um panorama mais amplo e estrutural e, da **teoria do capital social**, que vem a considerar as redes migratórias como formas de capital social. No entanto, para uma reflexão acerca da inserção do trabalhador

migrante mexicano, sobretudo, em condição ilegal, nesse cenário de reestruturação produtiva do setor da zeladoria/faxina são necessárias algumas ressalvas acerca de quem se beneficia ou não das redes migratórias, em que contexto, e, até que ponto essas redes são sinônimos de criação de capital social.

Em suma, para um entendimento do movimento social *Justice for Janitors*, sua emergência, lutas e conquistas a favor do trabalhador migrante, sobretudo mexicano, e à maneira como este vem debatendo a necessidade de reforma migratória, em um cenário permeado pelo endurecimento nos padrões migratórios na última década, torna-se imprescindível compreender o cenário mais amplo, que envolve a análise do fenômeno migratório entre os dois países. Intenta-se relacionar, de acordo com os dados apresentados, que a reestruturação nesse setor da indústria esteve intimamente ligada a des-sindicalização e a inserção de trabalhadores latinos em situação irregular.

***RESTRUCTURING PRODUCTION AND MIGRATION MEXICO-UNITED STATES:
THE CASE OF THE MOVEMENT JUSTICE FOR JANITORS***

ABSTRACT: *focusing on the analyze of the way that the social movement Justice for Janitors, campaign in Los Angeles, organized by the Service Employees International Union (SEIU), have responded to the emerging needs of migrant workers, especially undocumented Mexicans, we seek to understand the productive restructuring the of janitorial sector concurrently with insertion of Latino workers in the late 1970's and early 80's century. To this end, we seek to understand this phenomenon from the historical migration dynamics between these two countries using specific literature on the subject.*

Keywords: *Productive restructuring; International migration; Social movement.*

REFERÊNCIAS

CRANFORD, C. **Economic restructuring, immigration and the new labor movement:** Latina/o Janitors in Los Angeles. The Center for Comparative Immigration Studies. UC San Diego, 2000. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/4qj9w8d1>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

_____. Networks of exploitation: immigrant labor and the restructuring of the Los Angeles Janitorial Industry. Society for the study of social problems. **Social problems**, California, v.52, n.3, p.379-397, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1525/sp.2005.52.3.379>>. Acesso em: 13 mai. 2011.

DURAND, J.; MASSEY, D. **Clandestinos**: migración México-Estados Unidos en los albores del siglo XXI. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2003.

_____. **Detrás de la trama**: políticas migratorias entre México y Estados Unidos. México: Miguel Ángel Porrúa, 2009. (Colección América Latina y el Nuevo Orden Mundial).

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2006.

PROYECTO SOBRE MIGRACIÓN MEXICANA. **MMP128**. Disponível em: <<http://mmp.opr.princeton.edu/results/014ftoccupation-es.aspx>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

_____. Disponível em: <<http://mmp.opr.princeton.edu/home-es.aspx>>. Acesso em: 15 jun. 2011

SASSEN, S. **Los espectros de la globalización**.: Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. **Una Sociología de la Globalización**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

SERVICE EMPLOYEES INTERNATIONAL UNION (SEIU). Disponível em: <<http://www.seiu.org>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

SOARES, W. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos e circunscrição topológica da migração internacional. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/.../GT_MIG_ST1_Soares_texto.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2011.

STEIN, L. M. **Sindicato, globalização e representação**: velhos e novos paradigmas. 2008. 2.v. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.